



O GÊNERO “ENTREVISTA MEMORIALÍSTICA” NA PERSPECTIVA DAS TRADIÇÕES DISCURSIVAS E DO INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO

THE GENRE “MEMORIALISTIC INTERVIEW” FROM THE PERSPECTIVE OF DISCURSIVE TRADITIONS AND SOCIODISCURSIVE INTERACTIONISM

Aurea Zavam  <https://orcid.org/0000-0003-1645-3330>
Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará
Universidade Federa do Ceará
aurea@ufc.br

Valéria Gomes  <https://orcid.org/0000-0002-4331-7775>
Doutora Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco
Universidade Federal Rural de Pernambuco
valeria.sgomes@ufrpe.br

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10302669>

Recebido em 19 de agosto de 2023

Aceito em 20 de setembro de 2023

Resumo: No presente trabalho, será analisado um fragmento de Entrevista com Pelé, com duração de 22'11”, datada de 1967, que apresenta características próprias voltadas à posteridade (cf. Miranda e Bussola, (2023) no primeiro artigo deste dossiê). Com um olhar contrastivo, também será analisada uma entrevista com Neymar, com duração de 11'49”, datada de junho de 2023. As particularidades das entrevistas remetem a especificidades que podem apresentar traços de permanência e vestígios de mudança em relação a outros exemplares do mesmo agrupamento do gênero em sincronias mais recentes. Para essa discussão, com base nos modelos da Tradição Discursiva (Kabatek, 2005; Koch; Öesterreicher, [1985] 2013) e do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 1999, 2006), são tomadas cinco dimensões, que, para além da análise do texto, podem também orientar proposições didáticas para um estudo acerca da historicidade dos gêneros orais e da língua: o *continuum* entre imediatez e distância comunicativa; o contexto de produção; o plano global do texto; os mecanismos de textualização; e os mecanismos enunciativos. Espera-se com este trabalho refletir sobre a relevância de um olhar investigativo para exemplares de um gênero, ainda que de naturezas distintas, registrados em um tempo remoto e em um tempo mais recente, para, assim, melhor compreender suas regularidades e singularidades.

Palavras-Chave: Interacionismo Sociodiscursivo. Tradição Discursiva. Entrevista memorialística/jornalística. Didatização.

Abstract: In the present work, a fragment of an interview with Pelé will be analyzed, lasting 22'11”, dated 1967, which presents its own characteristics aimed at posterity (cf. Miranda and Bussola, in the first article of this dossier). With a contrastive perspective, an interview with Neymar will also be analyzed, lasting 11'49”, dated June 2023. The particularities of the interviews refer to specificities that may present traces of permanence and traces of change in relation to other examples of the same grouping of the genre in more recent synchronies. For this discussion, based on the models of Discursive Tradition (Kabatek, 2005; Koch; Öesterreicher, [1985] 2013) and Sociodiscursive Interactionism (Bronckart, 1999, 2006), five dimensions are taken, which, in addition to the analysis of the text, can also guide didactic propositions for a study on the historicity of oral genres and language: the continuum between immediacy and communicative distance; the production context; the overall plan of the text; textualization mechanisms; and enunciative mechanisms. This work is expected to reflect on the relevance of an investigative look at examples of a genre, even if of different natures, recorded in a remote time and in a more recent time, in order to better understand their regularities and singularities.

Keywords: Sociodiscursive Interactionism. Discursive tradition. Journalistic/memorialistic interview. Didacticisation

1. Introdução

São muitas as motivações que nos conduziram a desenvolver este trabalho e a fazer parte deste dossiê temático. A primeira delas é a constante busca por relacionar as pesquisas com o fazer e refazer das atividades de ensino. No âmbito do grupo de pesquisa Historicidade dos Textos e Ensino de Línguas (HISTEL), esse é um debate que vai se consolidando, com o intuito de abordar os textos, os gêneros, em suas múltiplas dimensões, considerando, sobretudo, os aspectos de tradicionalidade e de atualização que repercutem a dinâmica sócio-histórica. Quando se trata de abordar um gênero oral, a motivação aumenta no sentido de que ainda é limitado o trabalho com gêneros genuinamente orais, na escola, e ainda é bastante desafiador pesquisá-los e didatizá-los na perspectiva da historicidade.

Nesse sentido, defendemos que é necessária a integração entre pesquisa e ensino envolvendo a historicidade dos textos, e, para tanto, consideramos produtiva a integração entre o modelo de Tradição Discursiva (TD) (Koch e Oesterreicher, [1990]2007; Kabatek, 2005), oriunda da filologia pragmática alemã, com base na Linguística Integral de Eugênio Coseriu, e o modelo do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 1999; 2006; Schneuwly, 2010; Dolz, Schneuwly, Haller, 2010), oriundo da escola genebrina. A partir dessa integração, intentamos aplicar os modelos de análise ao gênero “entrevista memorialística”, considerando, por um lado, o *continuum* entre imediatez (proximidade) e distância comunicativas, e por outro, a arquitetura textual, em particular, apontando sugestões para um possível trabalho em sala aula.

Do ponto de vista metodológico, adotamos o procedimento de análise contrastiva entre duas entrevistas – memorialística e jornalística, produzidas em momentos sincrônicos distintos, uma no século XX e a outra no século XXI, com um intervalo de 56 (cinquenta e seis) anos entre os dois documentos. A primeira entrevista foi feita com o jogador de futebol Pelé¹ (*corpus* comum para todos os artigos deste dossiê), cujo propósito foi compor o acervo do Museu da Imagem e do Som. Na entrevista, gravada no ano de 1967, ele comenta sobre sua vida pessoal e profissional. Pelé (Edson Arantes do Nascimento) foi jogador do Santos Futebol Clube, considerado o maior ídolo do futebol brasileiro, e por muitos do futebol mundial, e faleceu em 29 de dezembro de 2022.

A segunda entrevista, datada de junho de 2023, foi realizada com o jogador de futebol Neymar², pelo jornalista Elia Jr., da Bandsports. Neymar da Silva Santos Júnior é um jogador brasileiro que atua como atacante no Al-Hilal e na Seleção Brasileira. É considerado o principal futebolista brasileiro da atualidade e um dos melhores do mundo. Na entrevista, fala sobre as cobranças dentro e fora de campo e sobre o leilão beneficente que realiza em prol do Instituto que leva o seu nome. Em comum, as duas entrevistas têm o pertencimento ao mesmo universo futebolístico e o fato de os dois jogares estarem saindo da derrota de Copas do Mundo, respectivamente a de 1966 e a de 2022. Em distinção, temos o contexto sócio-histórico de produção e o caráter memorialístico da primeira, o que suscita intervenções de edição, o que não ocorre na segunda.

Para sistematizar a discussão, organizamos o artigo em quatro tópicos, além da introdução e das considerações finais. No primeiro, discutimos a “entrevista memorialística” na perspectiva do modelo das Tradições Discursivas (TD), considerando o potencial de aproximação com o modelo do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), no tocante à adaptação dos gêneros a situações concretas de

¹ Disponível em: <http://acervo.mis-sp.org.br/audio/entrevista-de-pele-edson-arantes-do-nascimento-parte-12-1>.

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N69Fd1Dr-LA>.

comunicação em um processo contínuo de transformação ao longo do tempo. No segundo tópico, abordamos as entrevistas no *continuum* entre imediatez e distância comunicativas, com foco nos traços de imediatez. No terceiro tópico, com ênfase no ISD, abordamos a arquitetura textual dos dois documentos em estudo. Por fim, trazemos algumas sugestões que possam suscitar a reflexão e a criatividade de professores, no sentido de levar para a sala de aula atividades que incluam gêneros orais de diferentes contextos sócio-históricos.

2. Tradição Discursiva na dimensão do gênero “entrevista”

A discussão que empreendemos neste artigo parte do entendimento de que os gêneros prefiguram ações de linguagem e que são adaptados a situações concretas de comunicação (Bronckart, 1999; Schneuwly, 2010; Dolz, Schneuwly, Haller, 2010). Bronckart (2006), em consonância com o pensamento de Bakhtin ([1979]2011), defende que todo texto é pertencente a um gênero. Os textos, portanto, apresentam propriedades genéricas bastante específicas que dependem das características da situação de interação da qual fazem parte, das características da atividade proposta e das condições sócio-históricas de sua produção. Ao considerar essas condições, travamos um produtivo diálogo entre o modelo do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) e o modelo de Tradição Discursiva (TD). Conforme o modelo das TD, os textos:

estabelecem uma relação de tradição com outros textos, que se pode dar, por um lado, pela repetição de uma determinada finalidade textual ou de um determinado conteúdo e, por outro lado, pela repetição de certos traços formais (Kabatek, 2005, p.163).

Essa repetição de um gênero integralmente ou de seus elementos constitutivos, que ocorre ao longo do tempo, vai atualizando os modos de comunicação em função das demandas da sociedade. Sendo assim, uma TD, para ser reconhecida como tal, é tomada como um ato linguístico que relaciona um texto com uma realidade, uma situação, e ainda com outros textos de mesma tradição (Andrade; Gomes, 2018). Com relação à entrevista, foco deste estudo, em que pese considerar diferentes esferas comunicativas, de acordo com Hoffnagel (2010, p. 196):

teríamos, por exemplo, entrevista jornalística, entrevista médica, entrevista científica, entrevista de emprego etc. Levinson (1979) notou, nesse sentido, que embora a entrevista tenha, em certo sentido, uma estrutura geral, comum a todos os tipos de evento em que se realiza, também manifesta estilos e propósitos diversos. O que todos os eventos parecem ter em comum é uma forma característica, que se apresenta numa estrutura marcada por “perguntas e respostas”.

No quadro seguinte, sintetizamos alguns traços comuns e divergentes que fazem parte da natureza constitutiva das entrevistas e que contribuem para que se distingam as especificidades dessas tradições discursivas.

Quadro 1: Semelhanças e divergências do gênero “entrevista”

Traços comuns	Traços divergentes
organização em pares adjacentes Pergunta-resposta	situação comunicativa diferente
Papel específico: o entrevistador (responsável pelas perguntas) e o entrevistado (responsável pelas respostas)	propósitos diferentes
	variação entre a proximidade e a distância comunicativa
	presença ou ausência de audiência
	modos de dizer específicos na abertura e no fechamento

Fonte: Elaborado pelas autoras

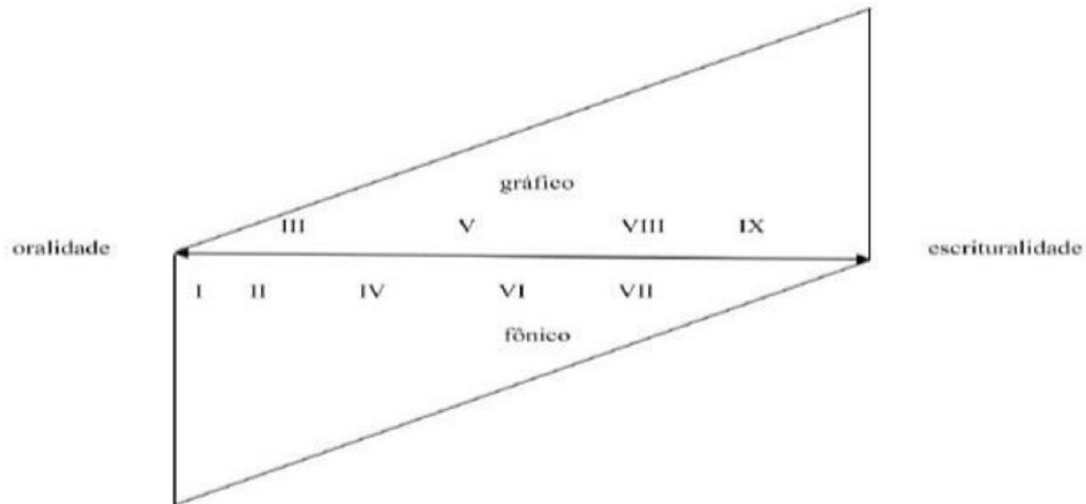
No tocante às especificidades, segundo Hoffnagel (2010, p. 198), “os vários gêneros de entrevista se diferenciam quanto aos propósitos para a sua realização”. Nesse sentido, em função das diferentes finalidades comunicativas, cada gênero de entrevista corresponde a uma TD específica:

- i) a entrevista médica serve para diagnosticar um problema de saúde;
- ii) a entrevista científica utiliza as respostas como dados para elucidar um fenômeno em estudo;
- iii) a entrevista jornalística suscita informações ou opiniões de figuras públicas;
- iv) a entrevista memorialística levanta narrativas que servirão para a posteridade;
- v) a entrevista de emprego estabelece critérios avaliativos para as respostas em uma situação de seleção;

Cada um dos gêneros que compõe esse agrupamento guarda, portanto, semelhanças e particularidades em função da finalidade comunicativa e também do estilo, entendido, segundo Shibya (2020), como um conjunto de traços específicos de um discurso que se manifestam nas escolhas que os falantes fazem com base nas possibilidades (gramaticais e lexicais) de uma língua. Nesse sentido, escolhas que caracterizariam um estilo individual de um autor, marcado no uso particular da língua, como vemos, por exemplo, em textos de Guimarães Rosa e José Saramago, não configurariam tradições discursivas, entretanto certos direcionamentos preestabelecidos em determinados tipos de discurso, como o científico, o religioso, o jurídico, e também o barroco, o modernismo, por representarem modos de falar tradicionais, configurariam um estilo supraindividual, ou seja, uma tradição discursiva.

Considerando a dimensão concepcional das tradições discursivas, Koch e Oesterreicher ([1990]2007) apresentam os fundamentos de sua interpretação sobre os limites entre a oralidade e a chamada “escrituralidade”, por meio do *continuum* entre imediatez e distância comunicativas.

Figura 1: *Continuum* entre imediatez e distância comunicativas



Fonte: KOCH; ÖESTERREICHER ([1990] 2007, p. 34)

Nesse contínuo, são dispostas gradualmente as tradições discursivas nos meios fônico e gráfico, representadas, por exemplo, pelas formas de comunicação: I. conversa familiar; II. conversa telefônica privada; III. carta privada; IV. entrevista de emprego; V. versão impressa de uma entrevista; VI. sermão; VII. conferência científica; VIII. artigo editorial; IX. texto jurídico. Para a análise da imediatez/distância comunicativa, Peter Koch e Wulf Öesterreicher ([1990]2007) elencam dez parâmetros para a caracterização das mensagens verbais no *continuum* concepcional falado/escrito (nove dos dez parâmetros se manifestam em uma escala gradual e escalar), que apontaremos, na próxima seção, espaço da análise.

Assim, a questão que trazemos ao debate, neste artigo, enfoca duas entrevistas que apresentam especificidades com relação aos propósitos. Nesse caso, a entrevista memorialística com Pelé (1967) e a entrevista jornalística com Neymar (2003), apesar das regularidades, podem revelar traços específicos motivados pelas normas da língua histórica particular e a realidade extralinguística multidimensional, pelas condições emocionais e sociais, pela situação dos interlocutores nos campos dêiticos pessoais, espaciais e temporais, pelo contexto sócio-histórico, pela intenções sociopragmáticas e pela tradicionalidade de cada uma das entrevistas. Nos tópicos seguintes faremos a análise das entrevistas, com base no *continuum* entre a imediatez e a distância comunicativa, proposto por Koch e Oesterreicher ([1990]2007), e no folhado textual de Bronckart (1999), a fim de identificar dimensões do funcionamento do gênero “entrevista” passíveis de didatização.

3. Traços de imediatez nas entrevistas com Pelé (1967) e com Neymar (2023)

As entrevistas, sejam de cunho memorialístico ou não, procuram imprimir um tom dialógico informal, uma vez que é veiculada, pelos meios de comunicação de massa (televisão, jornal, revista, rádio etc.), para um público diverso. É um tipo de comunicação que difere da conversa do dia a dia, mas também intenta aproximações. Embora seja um gênero oral, guarda traços da escrita, pois há um planejamento do entrevistador, que costuma seguir um roteiro preparado previamente. Tanto na entrevista com Pelé quanto na entrevista com Neymar, entrevistadores e entrevistados procuram estabelecer uma atmosfera de intimidade e de envolvimento, que se constitui

como um traço recorrente nessas tradições discursivas, mas que pode apresentar graus diferentes. Para evidenciar esses traços de proximidade próprios do perfil comunicativo da entrevista, buscamos analisar, nas duas entrevistas selecionadas, que guardam um intervalo temporal de mais de cinquenta anos, os parâmetros que Koch e Oesterreicher ([1990]2007) postulam na escala de condições de comunicação que fundamentam o *continuum* concepcional entre a oralidade e a escrita.

Quanto ao primeiro dos dez parâmetros – grau de privacidade ou o caráter mais ou menos público da comunicação, tanto a entrevista com Pelé quanto a entrevista com Neymar envolviam o entrevistador, o entrevistado e uma equipe técnica no local do ato comunicativo propriamente dito. No entanto, a existência de um público muito mais abrangente, em âmbito nacional, e a finalidade de alcançar ouvintes (por meio do áudio) e internautas (no caso do canal de TV online) em maior número possível, imprimem nessas tradições discursivas orais um caráter altamente público de comunicação. Além do momento exato da transmissão, 1967, no caso de Pelé, e junho de 2023, no caso de Neymar, o aparato tecnológico, que registrou o áudio e a imagem, possibilita, inclusive, a ampliação desse público por meio de acessos posteriores às gravações, como é o nosso caso para a realização deste estudo.

O grau de familiaridade ou intimidade entre os interlocutores (segundo parâmetro), que considera experiências conjuntas prévias, torna-se um traço bastante recorrente, uma vez que os interlocutores demonstram conhecimentos partilhados em termos do universo futebolístico, de acontecimentos e memórias que são retomados. Ademais, no intuito de expressar espontaneidade durante a interação, os interlocutores utilizam algumas estratégias de proximidade, como por exemplo o uso da forma de tratamento pronominal “você”:

Exemplo 1: “**Você** acha que o jogador brasileiro é mal preparado fisicamente?” (Entrevistador de Pelé)

Exemplo 2: “bom...em primeiro lugar é minha satisfação de estar aqui é enorme... **vocês** sabem disso... e::... aproveito a oportunidade também ... para enviar meu/um abraço a todos os **amigos**...” (Pelé)

Exemplo 3: “O que **cê** mais lembra...quando **cê** tá fora do futebol assim...quais são as suas melhores lembranças quais são as piores? O que que **cê** mais lembra nesse momento assim afastado do futebol?” (Entrevistador de Neymar)

Exemplo 4: “**Cara**...acho que só cobram de quem:...pode né então se me cobram eu num: nunca fugi de de cobrança nenhuma...muito pelo contrário sempre bati no peito e falei...pode me cobrar...não tem essa porque eu sei do meu talento eu sei do que eu posso fazer...só que foi o que **você** falou né futebol não é não é individual (...) (Neymar)

A utilização da forma de tratamento pronominal “você” é comum nas relações simétricas, nas quais não há hierarquia dos papéis sociais. Nesse caso, temos o emprego da vertente mais informal desse modo de tratamento, que visa a aproximação entre os interlocutores durante a entrevista e a redução do caráter padronizado da entrevista. Um dado de variação linguística evidencia ainda mais a elevação do tom íntimo e informal da entrevista, é o caso da forma contraída “cê”, utilizada pelo entrevistador de Neymar. Esse tipo de ocorrência não foi identificado na entrevista de Pelé, o que pode sugerir o aumento do emprego dessa variante, nesse contexto de uso, em tempos mais recentes. Configura-se, assim, a continuidade do processo de mudança e de variação linguística que remonta ao Vossa Mercê, na passagem do século XIX ao XX, assumindo um

comportamento híbrido, ora guardando o caráter cerimonioso da forma originária, ora assumindo um caráter mais informal em variação com o tu-íntimo (Rumeu, 2004).

Nos exemplos anteriores, também podemos evidenciar estratégias de busca de proximidade na fala de Pelé, ao se referir aos ouvintes como “amigos”. No caso da interação entre o jogador Neymar e o repórter Elia Jr., o emprego da gíria “cara” é muito recorrente, sendo utilizada tanto por um quanto pelo outro. Merece aqui também o registro de inexistência dessa gíria na entrevista de 1967.

Quanto ao grau de implicação emocional em relação ao interlocutor e/ou ao objeto da comunicação (terceiro parâmetro), a entrevista com Pelé, pela natureza memorialística, é constituída de reminiscências que implicam emocionalmente os interlocutores e o público a que se destina o áudio. Por exemplo, a narrativa da infância humilde do jogador, que jogava com bolas de papel, laranja e pano e que não alcançava o patamar de ter uma bola de couro, vem carregada de expressividade por meio de repetição e gradação.

Exemplo 5: “o pião...**a bola**...aquela época a a: **bola era de papel... bola de laranja ... bola de pano de meia**...nesse tempo nós não tínhamos luxo ainda de querer uma bola de borracha... **uma bola de capão**...como dizem agora... **de Couro**” (Pelé)

Já na entrevista jornalística com Neymar, embora não tenha o caráter memorialístico, a expressividade também se faz presente por meio do emprego de adjetivação diminutiva e apelos à fê:

Exemplo 6: “(...) então nós vamo te ver na próxima copa do mundo Estados Unidos Canadá e México a gente vai ter que correr um pouco...eu já vou tá meio **velhinho**...você não...você vai tá bem... (Entrevistador de Neymar)

Exemplo 7: “**Se Deus quiser se Deus quiser** estaremos lá (Neymar)

Ambos os termos destacados são evidências de espontaneidade e de envolvimento emocional. O diminutivo “velhinho” carrega o sentimentalismo da idade que pode ser um impedimento para que o jornalista participe da próxima Copa do mundo. Por outro lado, Neymar, demonstrando empatia, apela à fé, “Se Deus quiser”, para que ambos possam estar lá, na Copa do mundo. Percebemos, então, uma afetividade interpessoal, guardadas as proporções da natureza da interação, que remete à imediatez comunicativa.

Em relação ao quarto parâmetro – grau de entrelaçamento ou “ancoragem” dos atos comunicativos em relação à situação ou à ação, tanto o entrevistado quanto o entrevistador encontram-se em situação de diálogo face a face, no caso de Pelé, a entrevista ocorreu em estúdio do museu e, no caso de Neymar, a entrevista aconteceu em uma sala do Clube Atlético Monte Líbano. Desse modo, cada dupla compartilhou o mesmo espaço (ainda que na entrevista de Pelé tenha havido edição do texto) e se comunicou também por meio dos elementos paralinguísticos (risos, olhares, gestos etc.), como indicam os exemplos seguintes:

Exemplo 8: “e por coincidência...quando eu fiz o gol...eu saí correnno pra **aquele lado**...então: eu cheguei lá no alambrado e comecei a dá soco na torcida pra:: desabafa né...?” (Pelé)

Exemplo 9: “maravilha...vou agradecer ao nosso Wildomar **aqui**: (apontando para o lado, possivelmente para a pessoa mencionada) (Entrevistador de Neymar)

Esses dois exemplos destacam dêiticos espaciais “aquele lado” e “aqui”, cujos referentes encontram-se ancorados no contexto situacional. Nesse caso, a construção do sentido do texto depende das informações que estão no contexto e a transcrição por escrito, a posteriori, não tem como recuperar.

Quanto ao campo referencial, relacionado à distância dos objetos e pessoas referidas com relação ao falante (ego-hic-nunc = estou aqui e agora), correspondente ao quinto parâmetro, logo no início da entrevista com Neymar, o jornalista situa o contexto da entrevista, o local, a proximidade com o entrevistado, o estado de felicidade pela realização de um evento, o leilão, no contexto temporal pós pandemia.

Exemplo 10: “estamos muito felizes por que porque nós tamos **no monte Líbano** nós tamos **ao lado**: (toca no ombro de Neymar) **de um dos personagens mais importantes da história do esporte brasileiro em todos os tempos... e num momento muito feliz pra todos nós... porque depois da pandemia** Ney ... a gente tá podendo voltar a conviver e a gente tá podendo voltar a **realizar esse leilão** tô impressionado com o tamanho” (Entrevistador de Neymar)

Do mesmo modo, na entrevista com Pelé, os enunciados da abertura contextualizam o campo referencial onde se encontram os interlocutores: trata-se da gravação para a posteridade do ciclo de esporte brasileiro, cuja finalidade é fazer parte do acervo do Museu da Imagem e do Som.

Exemplo 11: “Abrimos neste minuto **a gravação para posteridade do ciclo de esporte brasileiro ... para o acervo do Museu da Imagem e do Som ... com depoimento do maior ídolo do futebol brasileiro...o jogador Pelé... Edson Arantes do Nascimento**” (Entrevistador de Pelé)

Exemplo 12: “bom...em primeiro lugar é minha satisfação de **estar aqui** é enorme... vocês sabem disso... e:... aproveito a oportunidade também ... para enviar meu/um abraço a todos os amigos...” (Pelé)

Nas duas entrevistas, os interlocutores encontram-se na condição de imediatez física (sexto parâmetro – imediatez ou distância física dos interlocutores, nos aspectos espacial e temporal), em termos espacial e temporal, uma vez que este parâmetro não apresenta variação gradual.

No tocante ao sétimo parâmetro – grau de cooperação, considerado de acordo com as possibilidades de intervenção dos receptores na produção do discurso, podemos perceber que, na entrevista, tanto a memorialística quanto a jornalística, embora de forma monitorada para que não haja interferência no conteúdo das respostas, também existe cooperação. Essa cooperação pode se dar por meio de aspectos verbais (perguntas, propostas, correções, informações suplementares etc.) e por meio de aspectos não verbais (risos, olhares, gestos, acenos com a cabeça etc.), como ilustram os exemplos seguintes:

Exemplo 13: “uma vez eu cheguei até a arrumar minha mala e ia saindo de noite ... pra vir embora...” (Pelé)

“**ia fugir**” (Entrevistador)

“**eu ia fugir** da concentração...eu e o Sabuzinho...um rapaz que comprava as comidas...saladas...esse negócio tudo era parte dele...só::: arroz...feijão que era Dona Maria que fazia...e: as vezes eu ia com ela...” (Pelé)

Exemplo 14: “cê sabe que: eu tava pensando aqui né um dos itens é partida de partida de poker com Neymar... eu sou/ cara:... o que eu já perdi...o que eu já perdi... eu queria umas dicas... eu queria/ você joga mais no durinho ou você **você arrisca mais?** qual é a tua/**qual é o teu modelo?**” (Entrevistador de Neymar)

“**eu sou do risco eu sou do risco** (risos)” (Neymar)

“(risos)” (Entrevistador)

Nos dois exemplos, fica evidente a cooperação entre os entrevistadores e os entrevistados seja por meio de informações suplementares sugeridas e que são acatadas e incorporadas às respostas, como no primeiro exemplo deste parâmetro “ia fugir”, seja por meio de resposta cujo sentido é construído a partir da vinculação com a pergunta anterior, como no enunciado “eu sou do risco”, seguido de risos compartilhados. Esses traços vão elevando o grau de cooperação próprio da imediatez comunicativa.

Como a entrevista é uma interação relativamente controlada pelo par pergunta e resposta, a troca de turnos é bastante marcada entre os interlocutores, mas, de todo modo, de acordo com o oitavo parâmetro (grau de dialogicidade, em que se destacam a possibilidade e a frequência para assumir o papel de emissor), a dialogicidade se manifesta nos vários momentos em que há troca de papéis entre os interlocutores, por meio de interrupções, complementações e cooperações, como demonstram os exemplos seguintes:

Exemplo 15: “((risos))[na:da... nada vem dizer exatamente por que que saiu o apelido Pelé... eu gostaria de saber também a origem exata...” (Pelé)

“[(um nome mu::ito famo::so no mundo inteiro)” (Entrevistador)

Exemplo 16: “ONde eu acho que vou...me dar bem é numa partida...de tênis com o Ronaldo” (Entrevistador de Neymar)

“é melhor né” (Neymar)

“[eu acho que joga mais que o Ronaldo (risos)” (Entrevistador)

“[mais do que eu com certeza você joga (risos)” (Neymar)

Nas duas entrevistas, embora na de Pelé predomine uma narrativa memorialística, a dialogicidade se faz presente, com trocas de turnos que vão além do par adjacente pergunta e resposta. Inclusive, os exemplos selecionados revelam a sobreposição de vozes, bastante comum nas conversações espontâneas, como também a marcação da tomada de turno com a elevação da voz “ONde”, estratégia utilizada pelo entrevistador de Neymar, numa atitude de espontaneidade também evidenciada pelos risos.

No tocante ao nono parâmetro – grau de espontaneidade da comunicação, há posturas diferentes dos dois entrevistadores. No caso da entrevista com Pelé, as atitudes do entrevistador estão mais pautadas no roteiro das perguntas elaboradas que vão nortear a narrativa memorialística, demonstrando maior grau de planejamento. Já na entrevista com Neymar, o jornalista Elia Jr. conduz a entrevista com mais improvisos e explicita que o entrevistado é quem está pautando a entrevista. Vejamos os exemplos.

Exemplo 17: “Pelé você sabe quantos gols já fez até hoje... mais ou menos” (Entrevistador de Pelé)

“te:m um senhor aí em Santos...Mário Lamas...não sei se vocês conhecem de nome...até o ano passado...oficialmente eu tinha feito oitocentos e setenta e cinco parece gols...” (Pelé)

Exemplo 18: “cê sabe que você tá pautando a nossa entrevista cara...porque as tuas as tuas respostas elas me dão oportunidade/ eu eu sou assim muito preocupado/ eu sempre digo que o grande vilão do futebol é o erro né quanto menos a gente errar... mais chances a gente tem de de poder chegar... e aí aí é que eu me pergunto eu eu quero eu quero aquele cara que que me faça ganhar né: hoje o técnico é muito importante não Ney? (Entrevistador de Neymar)

“sim: o técnico é muito importante” (Neymar)

Podemos identificar indícios de que a entrevista com Neymar apresenta um grau mais elevado de espontaneidade do que a entrevista com Pelé. O entrevistador, por

exemplo, faz introduções mais longas para esboçar a pergunta, nesses enunciados ficam evidentes marcas de espontaneidade da fala como: contrações de palavras “cê” e “tá” (inclusive do nome do jogador “Ney”), marcadores conversacionais “né”, repetições “as tuas as tuas”, truncamento de tópicos, gírias “cara”, entre outras. Supomos que essa diferença poderia ser justificada do ponto de vista histórico, considerando a mudança no estilo de fazer entrevista no intervalo temporal de quase sessenta anos; outra suposição seria a relação social e interpessoal, ou seja, o nível de conhecimento e de amizade entre o entrevistador e o entrevistado, o que permite tamanho despojamento; também supomos que a diferença do perfil comunicativo das duas entrevistas tenha interferido, a primeira apresenta nitidamente a sua finalidade memorialística para a composição de um acervo. Não podemos deixar de destacar que o áudio tenha passado por processo de edição para chegar ao formato adequado para compor o acervo da imagem e do som (cf. Miranda e Bussola, no primeiro artigo deste dossiê). Embora a entrevista gravada por Neymar também se configure como um documento histórico, que ficará para a posteridade, não tinha essa finalidade como precípua e não sofreu interferências de edição semelhantes às de Pelé.

Em relação ao décimo parâmetro – grau de fixação temática, devemos lembrar que a entrevista é pautada em um roteiro prévio, cabendo ao entrevistador abrir e fechar a entrevista, introduzir os assuntos e incitar a transmissão de informações. A pauta da entrevista é elaborada em função do entrevistado, no caso das duas entrevistas em questão neste trabalho, os entrevistados são dois famosos jogadores de futebol e a temática central circundou o universo futebolístico: os resultados durante a carreira, instituição filantrópica, a história de vida que antecedeu a fama, entre outros assuntos. Como ambos haviam saído de uma derrota na Copa do mundo, respectivamente a de 1966 e a de 2022, esse tema esteve presente nas duas entrevistas. Em função do planejamento prévio, a fixação temática, típica da distância comunicativa, também pode ser observada, ainda que venhamos a perceber maior fluidez temática e improvisos na entrevista de Neymar em relação à de Pelé, possivelmente motivada pela finalidade comunicativa de cada interação, no caso de Pelé, a natureza essencialmente memorialística, que ainda teria contado, como destacamos, com a intervenção de um editor para deixar no formato adequado para compor o acervo da imagem e do som.

Feita a análise dos dez parâmetros de imediatez que se configuram como traços recorrentes na tradição discursiva entrevista, pudemos verificar, por um lado, alguns traços comuns às duas entrevistas, por outro lado, a incidência escalar de alguns parâmetros possibilitou a suposição de que a entrevista de Neymar se posicionaria em maior proximidade com o eixo da imediatez do que a entrevista de Pelé. Isso implica constatar que, embora sejam dois gêneros de concepção oral e meio fônico, fatores pragmáticos, sócio-históricos e da natureza da tradição discursiva podem justificar diferentes disposições no contínuo entre a imediatez e a distância comunicativa.

No tópico seguinte, analisamos a estrutura geral dos dois textos, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos, que compõem o folhado textual proposto por Bronckart (1999).

4. O Interacionismo Sociodiscursivo e a análise do gênero “entrevista”

Inscrito no interacionismo social, corrente que se apoia no “caráter *indissociável* dos processos de organização social das atividades, de regulação dessas atividades pela linguagem e de desenvolvimento das capacidades cognitivas humanas” (Bronckart, 2006, p. 123), o ISD defende, como processo de análise das atividades de linguagem,

uma abordagem descendente, isto é, uma interpretação que parte inicialmente das atividades sociais, passa pelas atividades de linguagem para então chegar aos textos e seus componentes linguísticos. Ancorado nesses pressupostos, o ISD propõe, assim, procedimentos metodológicos que, primeiramente, centram-se “nas condições sociopsicológicas da produção dos textos e depois, considerando essas condições, na análise de suas propriedades estruturais e funcionais internas (Bronckart, 1999, p. 77).

Nesse sentido, conforme Bronckart (1999, 2006), o percurso analítico abrange duas instâncias:

1^a) “as condições de produção dos textos”;

2^a) “a arquitetura interna dos textos”.

Cada uma dessas instâncias comporta três camadas. A primeira instância – condições de produção dos textos – compreende:

i) “a situação da ação de linguagem”, isto é, os aspectos dos mundos físico, social e objetivo que podem exercer influência sobre a produção de um texto;

ii) “a ação de linguagem”, manifestada por condutas verbais;

iii) “o empréstimo do intertexto”, modelos de gêneros disponíveis no acervo da memória de uma comunidade.

A segunda instância – arquitetura textual – compreende:

iv) a “infraestrutura geral do texto”, por sua vez, engloba três subcamadas:

iv.1) o plano geral do conteúdo temático;

iv.2) os tipos de discurso;

iv.3) os tipos de sequência;

v) os “mecanismos de textualização”, responsáveis pela coerência temática;

vi) os “mecanismos enunciativos”, responsáveis pela coerência pragmática.

Ao todo, o quadro comporta nove camadas distribuídas nas duas instâncias. Ainda que reconheçamos que o modelo de análise de gêneros textuais proposto pelo ISD envolva duas instâncias, como resumidamente citadas acima, focamos estritamente na segunda, a da arquitetura textual. Esse recorte não significa que as condições de produção sejam menos importantes do que as que selecionamos, pois sabemos que tais condições exercem “um controle pragmático ou ilocucional sobre alguns aspectos da organização do texto” (Bronckart, 1999, p. 92) e nesse sentido manifestam significativa relevância para uma interpretação mais extensa e acurada dos textos. O recorte justifica-se única e exclusivamente por questão de interesse focal e de espaço para o desenvolvimento deste estudo. Partindo, então, da camada da arquitetura interna ou folhado textual, nosso objeto de análise, voltamos primeiramente nossas lentes para a infraestrutura geral dos textos.

No primeiro nível dessa camada, o plano geral, identificamos três macromovimentos (MM) no gênero em destaque:

MM 1: Contextualização da entrevista, seguida da apresentação do entrevistado.

Exemplo 19: “abrimos neste minuto a gravação para posteridade do ciclo de esporte brasileiro ... para o acervo do Museu da Imagem e do Som ... com depoimento do maior ídolo do futebol brasileiro...o jogador Pelé... Edson Arantes do Nascimento” (Entrevistador de Pelé)

Exemplo 20: “estamos muito felizes por que porque nós tamos no monte Líbano nós tamos ao lado: (toca no ombro de Neymar) de um dos personagens mais importantes da história do esporte brasileiro em todos os tempos... e num momento muito feliz pra todos nós... porque

depois da pandemia Ney ... a gente tá podendo voltar a conviver e a gente tá podendo voltar a realizar esse leilão tô impressionado com o tamanho. Boa noite, seja bem-vindo” (Entrevistador de Neymar)

MM 2: Corpo da entrevista composto de pares adjacentes (pergunta e resposta).

MM 3: Encerramento, contendo agradecimento do entrevistador para o entrevistado e a réplica do entrevistado e a despedida.

Exemplo 21: “Pelé... nós agora vamos chegando ao fim desse seu luminoso depoimento para o Museu da Imagem e do Som... antes de dá-lo por encerrado no entanto... você gostaria de dizer mais alguma coisa?” (Entrevistador de Pelé)

“bom...no momento... assim... acho que não... não faltou nada... agora... futuramente se... se vocês... acharem que é:: é necessário... eu estarei aqui com todo prazer e talvez nesta época com... com minha filha grande e com meu filho... e aproveito a oportunidade também para enviar um abraço” (Pelé)

Exemplo 22: “e fico muito... mais do que feliz... orgulhoso de saber que você continua o mesmo menino que eu vi há 14 anos depois eu revi há 12... depois eu revi há 11 e a nossa última conversa foi há 9... muito obrigado viu?” (Entrevistador do Neymar)

“[[obrigado]]” (Neymar)

“Beijo grande viu? é isso aí vamos voltar então com Maurício Barros... bom leilão aí” (Entrevistador)

Evidentemente, cada um desses macromovimentos comporta outros mais específicos em função de todo o conjunto do conteúdo temático. Assim, sobretudo no MM 2, podem ser identificados outros segmentos menores. O que pretendemos destacar é que esses macromovimentos apontados poderiam ser caracterizados como tradições discursivas do gênero “entrevista”.

No segundo nível dessa camada do folhado textual – os tipos de discurso, como podemos constatar, o gênero “entrevista memorialística” apresenta-se em forma de diálogo, revelando-se como um espaço privilegiado para a discurso interativo, com duas pessoas envolvidas (duas vozes), exercendo papéis de entrevistador e entrevistado. Como afirma Bronckart (199, p. 168), “o discurso interativo caracteriza-se, em primeiro lugar, pela presença de unidades que remetem à própria interação verbal, quer seja real, quer seja encenada, e ao caráter conjunto-implicado do mundo discursivo criado”. Em relação às formas dialogadas, a interação é marcada pela alternância dos turnos de fala e sobretudo pela recorrência de frases não declarativas, como mostram os exemplos a seguir:

Exemplo 23: Pelé... qual a sensação de fazer um gol?

[...] Você acha que o jogador brasileiro é mal preparado fisicamente?

(Entrevistador de Pelé)

Exemplo 24: você joga mais durinho ou você você arrisca mais? qual é a tua/qual é o teu modelo? [...] o que é que você mais lembra quando você... quando você está fora do futebol assim?... quais são as suas melhores lembranças? quais são as piores?... o que é que você mais lembra nesse momento assim afastado do futebol? (Entrevistador de Neymar)

O discurso interativo é também caracterizado pelo conjunto-implicado, marcado, entre outros mecanismos, por:

a) tempos verbais que exprimem “a relação que é estabelecida entre o momento dos acontecimentos verbalizados no texto e o momento da tomada da palavra da interação” (Bronckart, 1999, p. 168).

Exemplo 25: “Pelé... qual a sensação de fazer um gol?” (Entrevistador de Pelé)

“é:: a sensação de fazer um gol é difícil de explicar viu?...mas o pensamento imediato que você **tem...** é:: fazer outro... as vezes eu **ficava** mais satisfeito com certas jogadas que eu **fazia...** no campo que propriamente com gols...e:: eu **tive... tinha** muita sorte de fazer gols...e: as vezes alguns gols se vocês me perguntarem eu não **sei** explicar como que **saiu...**” (Pelé)

Exemplo 26: “[...] hoje o técnico é muito importante não Ney?” (Entrevistador de Neymar)

“Sim o técnico é muito importante... nós **tivemos** nas últimas 2 Copas do Mundo... eu **acho** que um dos melhores técnicos que eu já **trabalhei foi** o Tite então eu **tenho** muito orgulho de ter trabalhado com ele... **foi** um cara que nos **ajudou** muito” (Neymar)

b) dêiticos espaciais e temporais (remissão ao espaço ou ao tempo da interação):

Exemplo 27: “bom...em primeiro lugar é minha satisfação de estar **aqui** é enorme”

“... uma bola de capão...como dizem **agora...** de Couro” (Pelé)

Exemplo 28: “você se enxerga dentro de campo **daqui a quanto tempo** Neymar?” (Entrevistador de Neymar)

Exemplo 29: “e **agora** na última Copa ele conseguiu vencer por que?” (Neymar)

c) nomes próprios, desinência verbal, pronomes e adjetivos de primeira e segunda pessoa (remissão a protagonistas da interação verbal, de valor exofórico):

Exemplo 30: “**Pelé** **você** sabe quantos gols já fez até hoje... mais ou menos?” (Entrevistador de Pelé)

Exemplo 31: “um esporte que... que me faz passar bastante tempo com os **meus** amigos, então isso é muito bom” (Neymar)

No terceiro nível da camada infraestrutura textual – os tipos de sequência, Bronckart (1999) fundamenta-se em Adam (1992) para abordar a organização sequencial ou linear do conteúdo temático. Assim, um texto pode combinar as sequências narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal, resultando numa diversidade que caracterizará a “heterogeneidade composicional da maioria dos textos” (Bronckart, 1999, p. 219).

Na entrevista de Pelé, por seu caráter memorialístico, constatamos uma ocorrência maior de sequências narrativas, que também podem ser encontradas na entrevista de Neymar, como vemos nos exemplos a seguir.

Exemplo 32: “bom...a primeira vez que eu pus as chuteiras foi com dez ou onze anos... não tinha idade pra jogar... mas conseguiram pra mim jogar entre os infanto-juvenis...e:: eu ganhei uma chuteira e joguei...” (Pelé)

Exemplo 33: Infelizmente que a gente acabou tomando um gol que a gente... que foi pego de surpresa né? todos nós... e acabamos sofrendo a desclassificação. (Neymar)

Entretanto outros tipos de sequência também entram na composição do gênero, além da dialogal, como já apontamos, que podem ser identificadas, conforme mostram os exemplos seguintes.

Exemplo 34: “havia um turco numa rua que nós jogávamos bola...um turco que vendia fazendas lá:: e que:: ele não sabia ... direito falar...” (Pelé, sequência descritiva)

Exemplo 35: “mas futebol muitas das vezes é improviso... então você tem que improvisar... você tem que fazer uma coisa diferente pra ajudar a sua equipe... e quando você tem jogadores assim... é muito mais fácil de você conquistar o seu objetivo” (Neymar, sequência argumentativa)

Os dados nos revelam que a sequência dialogal, pela natureza do gênero, é a predominante e constitui, portanto, uma TD da entrevista.

Passando agora para a segunda camada do folhado textual – os mecanismos de textualização, que respondem pela progressão do conteúdo temático, isto é, a conexão e a coesão nominal e verbal, destacamos, entre outros:

a) organizadores com valor temporal:

Exemplo 36: “eu fui morar no próprio Santos...**nessa época depois do treino** tudo...eu fui morar com o Vasconcelos...” (Pelé)

Exemplo 36: “você continua o mesmo menino que eu vi há 14 anos **depois** eu revi há 12... **depois** eu revi há 11 e a nossa última conversa foi há 9” (Entrevistador de Neymar).

b) repetição (como mecanismo de coesão para manutenção do tópico):

Exemplo 37: “**bo:m**...a minha **infância** foi muito boa... como todas **infâncias** dos garotos pobres” (Pelé)

Exemplo 38: “O...Ney...a gente fica sempre com essa ideia de que nós temos uma **crise de abstinência**...por que...porque você está muito tempo afastado dos gramados...e eu tenho essa **crise de abstinência** eu gosto muito de futebol assisto dez jogos por semana...como é que... como é que é essa **crise de abstinência** pra você?” (Entrevistador de Neymar)

c) anáfora (repetição de segmento no início da frase):

Exemplo 39: “a verdade é o apelido **que me deu** fama... **que me deu** dinheiro... **que me deu** muitas alegrias...tristezas também... mas foram bem menores... eu me sinto muito satisfeito...” (Pelé)

Exemplo 40: “**é horrível**...**é horrível** porque **eu amo** jogar futebol...**eu amo** estar em campo e quando você fica fora dele...num jogo você já sente saudade” (Neymar)

Em relação à terceira camada do folhado textual – mecanismos enunciativos, o posicionamento enunciativo, entendido como “a distribuição das vozes e as marcações das modalizações” (Bronckart, 1999, p. 320), destacamos trechos tanto de uma quanto de outra entrevista que evidenciam o gerenciamento de vozes, ora do narrador (o entrevistado) ora de um personagem convocado.

Exemplo 41: “Sabuzinho ia chegando umas cinco horas da madrugada...ele ia chegando com o pão...negócio de café...e ele me viu saindo...ele falou... “ONde você vai? você tá louco?...num sei o que:... e me trouxe pra concentração novamente...” (Pelé)

Exemplo 42: “eu me pego sonhando com você olhando pro Fred e falando...tá fazendo o que aqui...cara?” (Entrevistador de Neymar)

Ainda nessa terceira camada, as modalizações “pertencem à dimensão *configuracional* do texto, contribuindo para o estabelecimento de sua coerência pragmática ou interativa e orientando o destinatário na *interpretação* de seu conteúdo temático” (Bronckart, 1999, p. 330). Assim, podemos identificar unidades ou estruturas linguísticas que marcam os diferentes tipos de modalização.

Exemplo 43: “eu estarei aqui com todo prazer e **talvez** nesta época com... com minha filha grande e com meu filho” (Pelé, modalização lógica)

Exemplo 44: “porque as in...as intenções... eu acredito que:: **tivesse sido** das melhores...fazer muitos gols como fizeram...” (Pelé, modalização pragmática)

Exemplo 45: “somos um time...então erramos todos...e **infelizmente** o sonho adiou né...pra daqui mais agora 3 anos...2 anos e a gente espera poder fazer uma Copa melhor...sem erros” (Neymar, modalização apreciativa)

Exemplo 46: “você foi mais cobrado do que **deveria** na sua história” (Entrevistador de Neymar, modalização pragmática)

Ainda que o exercício analítico empreendido tenha sido muito conciso, acreditamos ter demonstrado que as categorias que mobilizam as camadas da instância “arquitetura textual”, tal como proposta pelo quadro do ISD, são observadas no gênero “entrevista” tanto no exemplar de uma sincronia mais distante, no caso memorialística de Pelé, quanto no exemplar de uma sincronia bem recente, a jornalística de Neymar. Para além desse objetivo, qual seja o de aplicar o modelo de análise a um gênero em particular, temos outro, o de apontar caminhos para um trabalho docente com o gênero “entrevista”, que considere, por um lado, o *continuum* entre imediatez (proximidade) e distância comunicativas, e por outro, a arquitetura textual, assunto da nossa próxima seção.

5. Sugestões de atividades para trabalhar com o gênero “entrevista” explorando aspectos da oralidade (proximidade comunicativa) e do folhado textual

Como já direcionavam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998) e hoje normatiza a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), o ensino de língua portuguesa tem muito a ganhar quando considera os gêneros textuais como ponto de partida para o ensino e aprendizagem. As atividades desenvolvidas em sala de aula, desde os PCN, devem se pautar por uma prática que se volte para o tripé USO → REFLEXÃO → USO, de modo a criar situações de aprendizagem em que o aluno, a partir de uma situação real de uso da língua, possa refletir sobre as normas que embasam aquele determinado uso, para então chegar à sistematização que o possibilitaria aplicar tais normas a outros usos, isto é, a outras interações, situações comunicativas, em que ele estiver envolvido. Quando falamos de norma, estamos nos referindo ao sentido coseriano do termo, isto é, o uso registrado pelos falantes, uso

habitual, repetido nas expressões de uma comunidade, não necessariamente o uso prescrito pela norma padrão.³

Assim, o que defendemos é que os procedimentos de ensino e de aprendizagem “incluam textos em situações efetivas de produção, recepção e circulação e focalizem a relação entre ações de linguagem e atividade de interação”, de modo que o aluno “compreenda as razões de os sujeitos fazerem o que fazem nas práticas sociodiscursivas” (Matencio, 2007, p. 61). Considerando ainda que “*os gêneros mudam necessariamente com o tempo*” (Bronckart, 2006, p. 144), isto é, são passíveis de variação, como também apontara Bakhtin ([1979]2011), chamamos atenção também para a historicidade dos textos, que deve ser abordada na sala de aula, por meio de atividades que coloquem o aluno em contato com exemplares de sincronias passadas do gênero em estudo, a fim de que possa perceber as mudanças/variações que marcam o percurso sócio-histórico de tal gênero.

Em relação ao trabalho que possa ser desenvolvido com o gênero “entrevista”, quer seja jornalística ou memorialística, o professor poderá levar o áudio de uma entrevista mais antiga para a sala de aula. Depois da audição, o professor poderá fazer questões que indaguem sobre o momento/contexto em que a entrevista foi concedida e com que objetivo, quais os papéis do entrevistador e do entrevistado, quais os assuntos tratados, que aspectos chamaram mais atenção, entre outras. Atividades mais direcionadas também poderão ser desenvolvidas, como as que explorem os tipos de discurso e os tipos de sequência. Em seguida, a atenção poderá se voltar para os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos, como os evidenciados na análise. Os mesmos procedimentos poderão ser adotados quando o professor levar para a sala de aula um outro áudio de entrevista, dessa vez mais atual. Após ouvir as duas entrevistas e realizar as atividades de compreensão, os alunos poderiam refletir sobre aspectos que permaneceram e que mudaram (ou variaram) no gênero no decurso do tempo.

A fim de explorar as características da oralidade, tão marcantes nesse gênero, em sua versão sonora, o professor poderá refletir com a turma sobre aspectos da imediatez/proximidade comunicativa, como os que foram identificados, na seção 3 deste artigo.

Seria interessante que o trabalho com a entrevista não se limitasse ao que foi exposto na análise aqui empreendida, mas que fosse além, propondo, por exemplo, a gravação de uma entrevista que os alunos produziram. Assim as atividades não ficariam restritas à compreensão e se estenderiam à produção. Considerando que uma entrevista costuma partir de um roteiro prévio de perguntas planejado pelo entrevistador, o professor poderá trabalhar também com essa etapa da produção do gênero, formulada por meio de uma atividade de escrita. Pensando na circulação do gênero, momento em que os áudios produzidos alcançariam outros espaços de recepção, o professor poderá ainda incentivar a turma a criar um programa de rádio, onde as entrevistas produzidas ficariam acessíveis para outros ouvintes, além dos colegas de turma.

Como vemos, muitas são as possibilidades de ensinar a língua para que os alunos se tornem usuários proficientes tanto na recepção quanto na produção de textos e assim possam melhor se apropriar dos gêneros, pois, como lembra Bakhtin (2011, p. 285), “quanto melhor dominamos um gênero tanto mais livremente o empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade”.

É, portanto, fundamental que o professor reflita com seus alunos sobre as normas, as convenções habituais de que os usuários da língua lançam quando estão

³ Para saber mais sobre norma dentro do arcabouço teórico coseriano, cf. Coseriu (1967).

diante de um gênero, não somente para melhor alcançar a construção de sentidos dos textos, de sincronias remotas e presentes, mas também para delas – as normas – melhor se apropriar e assim poder se tornar um usuário exitoso em seus projetos de dizer, nas mais diversas situações comunicativas.

6. Considerações finais

Trabalhar com gêneros orais é sempre desafiante e estimulante. Desafiante, porque, em comparação com os gêneros escritos, há um número menor de pesquisas e materiais didáticos voltados para a modalidade oral da língua; e estimulante, porque, justamente por essa limitação, a necessidade de contribuição é ainda mais imperiosa. E, quando estabelecemos diálogo entre vertentes que já estudam os gêneros, o resultado dessa interface revela-se ainda mais profícuo, sobretudo por integrar numa só proposta aspectos que possibilitam agregar saberes, como o caso que demonstramos aqui ao perscrutar um pouco mais o gênero “entrevista”, memorialística e jornalística, sob as lentes investigativas das Tradições Discursivas e do Interacionismo Sociodiscursivo.

Dessa forma, buscamos, primeiramente, acentuar as especificidades do gênero focalizado, apontando traços que o caracterizam e aqueles que o distinguem dentro do que poderíamos chamar de agrupamento do gênero “entrevista”, e, na esteira, identificar, a partir de dois exemplares de sincronias distintas, os aspectos que se revelariam pertinentes à imediatez comunicativa, ou seja, traços próprios de gêneros que estão mais próximos da espontaneidade, normalmente aqueles que se aproximam da oralidade e se distanciam da escrituralidade. Podemos dizer que os traços apontados são recorrentes nesse gênero e essa recorrência funciona como rasto definidor da tradição discursiva.

Em seguida, à luz do constructo teórico do Interacionismo Discursivo, procuramos analisar a arquitetura interna dos textos, nos mesmos exemplares, com o objetivo não só de exemplificar as categorias analíticas como também de evidenciar como se manifestam na entrevista, memorialística e jornalística, pretendendo, com o cotejamento dos dois gêneros, levantar possíveis padrões de repetição (recorrências) que pudessem indiciar possíveis tradições discursivas. Nesse sentido, trabalhamos com a hipótese de que os macromovimentos da estrutura geral do texto – 1) contextualização da entrevista, seguida da apresentação do entrevistado; 2) corpo do texto composto por pares adjacentes (perguntas e respostas); 3) encerramento, contendo agradecimento do entrevistador para o entrevistado e a réplica do entrevistado e a despedida – constituiriam uma tradição discursiva, isto é, um modo de dizer tradicional que se repete cada vez que o gênero é evocado.

No entanto, para que possamos precisar com mais segurança especificamente que estratégias, mecanismos ou movimentos retóricos se configuram como tradição discursiva dos gêneros “entrevista memorialística” e “entrevista jornalística”, precisaríamos ampliar o *corpus* de análise incluindo outros exemplares, dessas e de outras sincronias, assim como de línguas diferentes.

Pensando na forma que o estudo empreendido poderia ajudar os professores da educação básica a trabalharem com a entrevista, sugerimos algumas atividades que visam explorar a historicidade do gênero, traços da oralidade (proximidade comunicativa), bem como aspectos do folhado textual, tanto na recepção quanto na produção do gênero, sem deixar de considerar a circulação social do que será produzido.

Queremos acreditar que nossos objetivos tenham sido alcançados e que os resultados obtidos com a análise possam suscitar outras questões que levem a novas pesquisas, de forma a trazer mais luz para os estudos de gêneros e sobretudo que possam inquietar professores no sentido buscar caminhos que conduzam sempre a um ensino mais produtivo.

Referências

ADAM, Jean-Michel. **Les textes: types et prototypes**. Paris: Nathan, 1992.

ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; GOMES, Valéria S. Tradições discursivas: reflexões conceituais. In: CASTILHO, A. T. de (coord. geral); ANDRADE, M. L. C. V. O.; GOMES, V. S. (coord.). **História do português brasileiro – Tradições discursivas do português brasileiro: constituição e mudança dos gêneros discursivos**. São Paulo: Contexto, 2018, v.7. p. 23-43.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, [1979]2011.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino fundamental**. Língua Portuguesa. Brasília: MECSEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.

BRONCKART, Jean-Paul. Os gêneros de textos e os tipos de discurso como formatos das interações propiciadoras de desenvolvimento. In: MACHADO, A. R.; MATENCIO, M. L. M. (org.). **Atividades de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2006. p. 121-160.

COSERIU, Eugenio. Sistema, norma y habla. In: **Teoría del lenguaje y lingüística general**. Madrid: Gredos, 1967, p. 11-113. Disponível em: https://coseriu.ch/wp-content/uploads/publications_coseriu/coseriu30.pdf. Acesso em: 08 set. 2023.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; HALLER, Sylvie. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. 2. ed. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2010. p. 125-155.

HOFFNAGEL, Judith Chambliss. Entrevista: uma conversa controlada. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola, 2010. p. 195-208.

KABATEK, Johannes. Sobre a historicidade de textos. Tradução de José da Silva Simões. **Linha D'Água**, n. 17, p. 159-170, 2005.

KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf. **Lengua hablada en la Romaniaia: español, francés, italiano**. Tradução Araceli Lopez Serena. Madrid: Gredos, [1990]2007.

KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf. Linguagem da imediatez – linguagem da distância: oralidade e escrituralidade entre a teoria da linguagem e a história da língua . Tradução de Hudinilson Urbano e Raoni Caldas. **Linha d'Água**, v. 26, n. 1, p. 153-174, [1985]2013.

LEVINSON, Stephen C. Activity types and language. **Linguistics**, 17, p. 365-399, 1979.

MATENCIO, Maria de Lourdes M. Textualização, ação e atividade: reflexões sobre a abordagem do Interacionismo Sociodiscursivo. In: GUIMARÃES, A. M. de Mattos; MACHADO, A. R.; COUTINHO, A. (org.). **O Interacionismo Sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2007. p. 51-64.

MIRANDA, F.; BUSSOLA, D. Revisitando a relação entre texto, contexto e gênero: uma análise do documento “Entrevista de Pelé”. **Revista Leia Escola**, Campina Grande, v. 23, n. 4, p. 4–21, [2023]. DOI: 10.5281/zenodo.10302326. Disponível em: <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/leia/article/view/2041>. Acesso em: 8 dez. 2023.

RUMEU, Márcia. **Para uma história do português no Brasil: formas pronominais e nominais de tratamento em cartas setecentistas e oitocentistas**. 2004. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. 2. ed. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2010. p. 19-34.

SHIBYA, Alfonso Gallegos. La compleja relación entre tradiciones discursivas y estilo. **Revista da ABRALIN**, v. 19, n. 3, p. 568-581, 17 dez. 2020.